

SEMANA ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFPI

16 A 29 DE OUTUBRO DE 2017

Comunicação Oral:

Roda de conversa e construção coletiva do conhecimento na Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI

Valéria Silva¹
Francisco das Chagas de Oliveira²
José Renan Nunes de O. Silva³
Aline Ferreira de Sousa Luz⁴

Para tratar da construção do conhecimento no âmbito da Agroecologia se faz imperativo partir de outro referencial que não o positivista, onde a condição de sujeito do conhecimento resta enclausurada naquele que monopoliza o acesso ao instrumental teórico-metodológico da ciência hegemônica. Para a Agroecologia a noção de sujeito do conhecimento aparece elástica, alcançando a todos aqueles que participam de cada processo como sujeito potente de saber. Entende que várias são as formas de se conhecer a realidade, portanto, os saberes também são vários e legitimamente constituídos tanto pelas estratégias acadêmicas, quanto pelo refinamento da experiência, sendo ambos incapazes de, solitariamente, responder a tudo. Estamos, desse modo, lidando com a contingência da interdisciplinaridade. Este entendimento geral norteia que a produção do conhecimento implica em *trocas* e, finalmente, em construção coletiva do conhecimento que, para a Agroecologia precisa ter o fito de transformar a realidade (BORSATTO e DO CARMO, 2012).

Pensando com Santos, 2006 entendemos que este entendimento remete à possibilidade da concretização da *ecologia dos saberes*, a qual propicia que as *ausências produzidas* possam se tornar em *emergências* necessárias ao estabelecimento de relações democráticas quanto à produção dos valores, das regras e dos sentidos gerais que animam uma sociedade.

¹ Dra. em Sociologia Política. Coord. da Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI. Coord. da Praça dos Saberes-Feira UFPI. valeriasil@uol.com.br

² Dr. em Agroecologia. Coordenador do Núcleo de Estudos em Agroecologia EMBRAPA-Meio Norte. Coord. da Praça dos Saberes-Feira UFPI. francisco.chagas-oliveira@embrapa.br

³ Aluno da Graduação de Serviço Social-UFPI. Membro do Projeto Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI. rennanoliveira09@gmail.com

⁴ Aluna da graduação de Serviço Social-UFPI. Bolsista do Projeto Feira de Base Agroecológica -Cultural da UFPI. luzaline.96@gmail.com

No intuito de alimentar a perspectiva agroecológica, a Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI⁵, em seu projeto de implantação (SILVA, 2016, p. 15, grifos nossos), definiu como objetivo central

Proporcionar à comunidade teresinense um espaço de venda/aquisição de produtos agroecológicos, artísticos e de artesanato; bem como de convivência, lazer e de **troca de habilidades, conhecimento e criação**, vinda de pessoas pertencentes a espaços institucionais diversos, de diferentes idades, habitantes do campo e da cidade.

Tal objetivo, principalmente no que concerne à troca de conhecimentos, materializa-se especialmente por meio da realização – a cada edição – das rodas de conversa sobre temas que permeiam os interesses da Feira e de seus participantes, ambientadas no espaço chamado Praça dos Saberes. Essa atividade se reveste de importância quanto aos objetivos do citado Projeto, por se consolidar num espaço democrático que, além da troca de saberes entre profissionais, alunos e alunas, consumidores e consumidoras, agricultores e agricultoras e o público em geral que participa da Feira, contribui para a divulgação das informações no que tange a agroecologia e produção orgânica. É do que nos propomos tratar neste trabalho.

A roda de conversa como estratégia metodológica

A Roda de Conversa são espaços pedagógicos de partilhas de experiências e coletiva construção de conhecimento, desenvolvidos a partir de temas centrais, podendo ainda ser útil para definir ações, a partir da construção coletiva dos consensos. Embora se assemelhe às reuniões de grupo, o diferencial é a existência do diálogo democrático, orientado pelo conhecimento da pessoa sobre o assunto proposto. A disposição do grupo é em forma de círculo, com cada integrante tendo a oportunidade de expressar suas opiniões.

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico alicerça-se na articulação de autores da psicanálise, da psicologia social e da educação e seu fundamento metodológico encontra-se nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a construção de um espaço onde seus participantes possam refletir sobre o

⁵ Projeto de Extensão em execução, 2017-2018, vinculado ao Programa de Extensão “Sementes de Cultura” que tem como idealizadora e coordenadora a Profa. Dra. Marlúcia Valéria da Silva, docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí.

cotidiano. Para isso, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves.

De acordo com Mélo et al. (2007), as rodas de conversa trazem discussões acerca de uma temática selecionada e, no processo dialógico, os integrantes podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, instigando as outras a falar, sendo possível posicionar-se e ouvir o posicionamento do outro. Por conseguinte, ao passo em que as pessoas falam suas histórias, também buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos. Vista dessa maneira mais ampla, o uso da a roda de conversa vem sendo ampliado para vários campos do saber e diferentes tipos de trabalho.

No contexto da Feira, a roda ganhou uma peculiaridade: um/a animador/a. Além da coordenadora da roda, em cada evento uma ou mais pessoas foram convidadas para, imbuídas do convencimento do diálogo simétrico e da construção coletiva, desempenharem o papel de animadores da discussão. Os convites respeitaram a diversidade de inserção social das pessoas, com experiências várias e elaboração discursiva a partir de lugares e experiências de vida diferentes. Enquanto animadoras, coube-as propor inicialmente a discussão da temática, facultando, então, aos presentes a participação, o que se deu fartamente em todos os momentos, concretizando o proposto acerca da construção coletiva do conhecimento. Com este desenho, as rodas foram realizadas desde a 2ª edição da Feira somando, até a última 15ª edição, 13 momentos, compostos da seguinte maneira:

Tabela 1 - Rodas de conversa realizadas na Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, 2017.

DATA	TEMÁTICA	ANIMADOR/A	IDEIAS ABORDADAS PELO COLETIVO
02/06/2017	<i>Agroecologia e produção orgânica.</i>	Profa. Valéria Silva Agrôn. Carlot a Soares e Agrôn. Adriana Barreto	Relações existentes entre as formas de produção agroecológica e orgânica. Comparação com a agricultura convencional, evidenciando aspectos positivos e negativos entre as mesmas.
16/06/2017	<i>Luiz Gonzaga: vida e obra.</i>	Prof. Wilson Seraine	História do cantor e compositor Luiz Gonzaga.
07/07/2017	<i>Arte Santeira: atual configuração e</i>	Mestre Dim	Mestre Dezinho e seus atuais seguidores. Arte Santeira, cultura local e a valorização da

	<i>importância para a cultura piauiense.</i>		identidade piauiense. A atual presença da Arte Santeira piauiense no Brasil.
21/07/2017	<i>Quintais produtivos.</i>	Agrôn. Júlia Aires	Os quintais produtivos e sua relevância para a produção agrícola e produção imaterial camponesa. Os quintais como lugar de afirmação das mulheres enquanto produtoras ativas do grupo familiar.
04/08/2017	<i>Consumo responsável.</i>	Agrôn. Adriana Barreto	Reflexão sobre as consequências do consumo. Importância dessa prática para o desenvolvimento sustentável e para saúde. Incentivo ao consumo responsável de alimentos.
18/08/2017	<i>Mulheres e Agroecologia.</i>	Agrôn. Cláudia César, Agrôn. Teresinha Aguiar e Artesã Márcia Regina	A relação existente entre as mulheres e a produção agroecológica em Teresina e no Brasil. Destaque para a relevância deste segmento para a agroecologia, evidenciando que as mulheres são protagonistas no âmbito da produção agroecológica.
01/09/2017	<i>Agroecologia e sementes crioulas.</i>	Agrôn. Francisco das Chagas de Oliveira e José Maria Saraiva	A importância das sementes crioulas para a manutenção da agrobiodiversidade, para a produção agroecológica e para a sobrevivência dos cultivos agrícolas. Sementes: instrumento de preservação cultural, de segurança alimentar e de defesa da soberania das povos.
15/09/2017	<i>O lugar da mulher na sociedade patriarcal.</i>	Profa. Rita Sobral e Mestrandas: Samira Ramalho de Sousa e Luciana Leite	Os impactos deletérios da sociedade patriarcal às mulheres. A ideologia de gênero, o empoderamento feminino e a contribuição para a democratização da sociedade. Os direitos das mulheres. O tratamento dispensado pela mídia à mulher.
29/09/2017	<i>A gente não quer, nem produz só comida. A gente produz cultura.</i>	Profa. Maria Dione C. de Moraes	A relação preconceituosa do espaço urbano com o meio rural. Desconstrução do estigma de que o espaço rural não produz cultura. A ausência de políticas de cultura para o meio rural.
06/10/2017	<i>Juventudes, artes</i>	Rapper	A arte no contexto brasileiro. Os

	<i>e culturas em Teresina.</i>	Dorneles França; estudante de Artes Visuais Stefferson Savyo S. Lima e Profa. Lila Cristina Luz	espaços destinados às expressões da arte e cultura para a juventude teresinense e os desafios enfrentados, em especial pelo jovem negro e pobre. A profusão da arte na periferia de Teresina.
20/10/2017	<i>Mulheres agricultoras agroecológicas: mudanças na produção, na família e na participação sócio-política.</i>	Agricultoras agroecológicas: Maria de Jesus dos Anjos, Clemilda Pereira, Cleidimar Lima, Maria das Dores Silva, Teresinha P. da Silva	A situação da mulher no meio rural e as mudanças ocorridas na vida das mulheres produtoras teresinenses a partir da implementação da produção agroecológica: na família, no seu grupo e na participação social. Relatos da experiência de produção sem veneno.
03/11/2017	<i>A festa dos mortos: arte e cultura no México.</i>	Profa. Lila Luz	Exposição fotográfica e discussão sobre o sentido da morte a celebração do dia de finados na cultura mexicana. O morto e sua memória. Semelhanças e diferenças entre a tradição mexicana e a brasileira.
17/11/2017	<i>Juventude camponesa nordestina: a agroecologia no contexto da luta pela reforma agrária.</i>	Juventude do MST – Nordeste	O MST enquanto movimento organizado. As lutas pela terra no Brasil e o papel da juventude. O significado da Agroecologia para o MST. As perspectivas da juventude na Agroecologia. Influência da Agroecologia na luta pela reforma agrária. Relação AgroecologiaX Agronegócio.

Diante das temáticas abordadas, trataremos de algumas que sintetizam não apenas os objetivos da Feira enquanto espaço de troca e produção de conhecimento coletivo, mas também como lugar de afirmação de alguns princípios sócio-político-filosóficos no debate acerca do mundo e das relações que partilhamos, bem como do tipo de agricultura que desejamos reforçar. Nesse sentido, a roda de conversa “*Agroecologia e sementes crioulas*” contribuiu para esclarecer que sementes crioulas são os exemplares tradicionais que os agricultores e as agricultoras selecionaram nos seus campos. São variedades que estão na família dos agricultores/as há

muitas gerações e já estão adaptadas às suas regiões produtoras. Ao longo de vários séculos, fruto de um extraordinário processo de seleção natural promovida pelas populações locais, foram escolhidas as sementes, as melhor adaptadas ao clima e aos solos da região.

Discutir esse tema tão relevante é fundamental para a preservação cultural e social dos agricultores e também para a conservação da agrobiodiversidade e autonomia da produção camponesa. Nesse contexto a agrobiodiversidade é também a base para os sistemas agroecológicos.

Os debatedores tiveram a oportunidade de apresentar para o público os principais projetos desenvolvidos no Estado, com destaque para o Projeto Agrobiodiversidade do Semiárido, a ser executado pela parceria Embrapa/ASA e colaboradores, que marca a atuação conjunta de uma rede de colaboradores interinstitucional no estado do Piauí com o objetivo de fortalecer e apoiar estratégias coletivas de conservação e uso da agrobiodiversidade enquanto diferenciais competitivos para produtos e serviços associados a territórios no Semiárido piauiense. Destacaram que é importante compreender o processo histórico e a atualidade política e quais os projetos políticos identificados com um programa alternativo de desenvolvimento rural sustentável.

Nossa segunda escolha recai sobre as rodas de conversa que tiveram por foco as mulheres. Discutir as relações de gênero em um espaço como a Feira, que é composto majoritariamente por mulheres torna-se uma necessidade, em face do papel destacado que o feminino ocupa na Agroecologia, sendo a maioria nos grupos produtores. Não obstante, é frequente o trabalho da mulher se tornar invisível, na condição de ajuda, conforme mostram os estudos rurais. Além disso, no campo, onde prevalece a estrutura familiar patriarcal, a situação da mulher merece atenção especial para que as mesmas conquistem espaço político, autonomia, vindo a modificar as relações de dominação masculina ainda prevalentes, acessando direitos e ocupando lugar de sujeito. Com este propósito, a feira realizou as rodas: *“Mulheres e Agroecologia”*, animada pelas agrônomas Cláudia César e Teresinha Aguiar; *“O lugar da mulher na sociedade patriarcal”*, e a roda *“Mulheres agricultoras agroecológicas: mudanças na produção, na família e na participação sócio-política”*. Conforme a discussão se construiu, no geral, pode-se ver que a Agroecologia se materializa em campo fértil de avanço nas questões de gênero, em face de propor a horizontalidade entre os sujeitos e a democratização das relações. E nas práticas

agroecológicas as mulheres vêm se sobressaindo como aquelas que dão decisiva contribuição para a soberania alimentar, o desenvolvimento, conforme os interesses locais e a preocupação com a sustentabilidade, conforme também encontrou Silva, 2016, em sua pesquisa.

Também se pode ver que na experiência das mulheres teresinenses, a Agroecologia vem sendo um espaço profícuo de avanços políticos e econômicos, muito embora os desafios postos pela sociedade patriarcal como um todo ainda tolham as possibilidades de cada mulher. Dentro das três rodas foram discutidas as condições em que as mulheres estão inseridas no contexto da sociedade e da agroecologia, estratégias e formas de evidenciar de fato o reconhecimento dessas mulheres enquanto sujeitos e as mudanças nos campos político, da produção, da família a partir da inserção na produção agroecológica, garantindo a “participação da mulher nas tomadas de decisão em todos os níveis” e fortalecendo as “práticas baseadas na igualdade, democracia e sustentabilidade” (EUCLIDES et al. 2010, p. 3). Nesse contexto, o papel que a Feira se atribui, dentro das relações de gênero existentes, é o de “ampliar a produção e geração de renda [das] mulheres, contribuindo para a melhoria das condições de vida em cada comunidade rural, além de somar para o empoderamento feminino nas relações de gênero experimentadas em cada local” (SILVA, 2016, p. 11).

“Juventude camponesa nordestina: a agroecologia no contexto da luta pela reforma agrária”. Esse foi o tema da roda de conversa da 15ª edição da Feira, que contou com a presença de mais de 70 jovens do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST de todo o Nordeste. Pensar a reforma agrária nos remonta à 1530, período em que foram criadas as capitanias hereditárias no Brasil. A redistribuição da terra vem sendo permanentemente reivindicada pelos povos rurais, principalmente o movimento organizado em torno do MST. Na discussão, os jovens apresentaram relatos acerca de sua luta pela terra enquanto juventude camponesa, trazendo o testemunho de cada estado do Nordeste, no processo de ocupação, resistência e conquista da terra, realizando a Reforma Agrária. O debate também deixou evidenciado que sem a infraestrutura adequada, não há condições mínimas de sobrevivência na terra (ANDRIOLI, 2003). Destacaram entender a Agroecologia não apenas como uma sistemática de produção, mas enquanto estratégia de enfrentamento do agronegócio, posto que –ambos os projetos – possuem pontos de vista divergentes sobre a vida em sociedade e a própria natureza, bem como

possuem interesses inconciliáveis. Na compreensão manifestada, a Agroecologia apareceu inclusive enquanto estratégia de superação do próprio capitalismo no seu atual momento de expressão. A alegria, a música, a poesia, a dança e as palavras de ordem marcaram a presença dos jovens do MST no ambiente da Feira.

Envolvendo vários sujeitos de trajetórias diversas em participações simétricas, entendemos que as rodas têm cumprido o papel de praticar a interdisciplinaridade, democratizar a participação e sedimentar a troca como referência maior da construção do conhecimento, a partir de um enfoque coletivo, contribuindo com a mudança social positiva na vida das agricultoras, dos consumidores e demais frequentadores da Feira da UFPI, bem como do público acadêmico envolvido no trabalho de extensão.

5 REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

ANDRIOLI, A. I. **A Reforma Agrária e o Governo Lula**: entre a expectativa e a possibilidade. Disponível em: <<http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=sl37>>. Acesso em 18/11/2017.

BORSATTO, Ricardo Serra e DO CARMO, Maristela Simões. Agroecologia e sua Epistemologia. In. **Interciência**, vol. 37. nº 9, set/2012.

EUCLIDES, M. S. et al. Gênero e construção do espaço: agricultoras e agroecologia na Zona da Mata mineira. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Paraná, 2010.

MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 1ª edição. Rio de Janeiro: Cortez Editora. 2006.

SILVA, Valéria. **Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI**. Teresina: PREX UFPI, 2016. *mimeo*.

SILVA, Flávia Regina Fernandes. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul-PR. In. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Revista UFPR. Vol. 39, Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/made/article/view/45697>. Acesso em 18.nov.2017.